

DOCUMENTOS VIVOS

VINICIUS DE MORAES

NOVOS POEMAS



LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO
EDITORA

DOCUMENTOS VIVOS

VINICIUS DE MORAES

NOVOS POEMAS



1938



*Aos caríssimos amigos
Magú
e
José Claudio da Costa Ribeiro.*

*A capa e o perfil
são de Joanita Blank*

"Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis".

MANUEL BANDEIRA

NOVOS POEMAS

ARIA PARA ASSOVIO

Inelutavelmente tu
Rosa sobre o passeio
Branca! e a melancolia
Na tarde do seio.

As cassias escorrem
Seu ouro a teu pés
— Conheço o soneto
Porem tu quem és?

O madrigal se escreve:
— Si é do teu costume
Deixa que eu te leve.

(Sê... minima e breve
A musica do perfume
Não guarda ciume).

AMOR NOS TRES PAVIMENTOS

Eu não sei tocar, mas si voce pedir
Eu toco violino fagote trombone saxofone.
Eu não sei cantar, mas si voce pedir
Dou um beijo na lua, bebo mel ~~hímno~~
Pra cantar melhor.
Si você pedir eu mato o papa, eu tomo cicuta
Eu faço tudo que você quizer.

Voce querendo voce me pede, um brinco, um namorado
Que eu te arranjo logo.
Voce quer fazer verso? E' tão simples!... voce assina
Ninguem vai saber.
Si voce me pedir, eu trabalho dobrado
Só pra te agradar.

Si voce quizesse!... até na morte eu ia
Descobrir poesia.
Te recitava as Pombas, tirava modinhas
Pra te adormecer.
~~Até um gurisinho, si voce deixar~~
~~Eu dou pra voce...~~

SONETO DE INTIMIDADE

Nas tardes da fazenda ha muito azul de mais.
Eu saio ás vezes, sigo pelo pasto, agora
Mastigando um capim, o peito nú de fóra
No pijama irreal de ha tres anos atrás.

Desço o rio no vau dos pequenos canais
Para ir beber na fonte a agua fria e sonora
E si encontro no mato o rubro de uma amora
Vou cuspendo-lhe o sangue em torno dos currais.

Fico ali respirando o cheiro bom do estrume
Entre as vacas e os bois que me olham sem ciume
E quando por acaso uma mijada ferve

Seguida de um olhar não sem malicia e verve
Nós todos, animais, sem comoção nenhuma
Mijamos em comum numa festa de espuma.

VIAGEM A SOMBRA

Tua casa sosinha — lassidão infinita dos devaneios, dos segredos. Frócos verdes de perfume sobre a malva penumbra (e a tua carne em pianissimo, grande gata branca de fala moribunda) e o fumo branco da cidade inatingível, e o fumo branco, e a tua boca aspera, onde ha dentes de innocencia ainda.

És, de qualquer modo, a Mulher. Ha teu ventre que se cobre, invisível, de odôr marítimo dos brigues selvagens que eu não tive; ha teus olhos mansos de louca, ó louca! e ha tua face obscura, dolorosa, talhada na pedra que quiz falar. Nos teus seios de juventude, o ruido misterioso dos duendes ordenhando o leite pallido da tristeza do desejo.

E na espera da musica, o vai-vem infantil dos gestos solenes de magia. Sim, é dança! — o colo que aflora oferecido é a melodiosa recusa das mãos, a anca que irrompe á caricia é o unguido pudor dos olhos, ha um sorriso de infinita graça, tambem, frio sobre os labios que se consomem. Ah! onde o mar e as tragicas aves da tempestade, para ser transportado, a face pousada sobre o abismo?...

Que se abram as portas, que se abram as janelas e se afastem as coisas aos ventos. Si alguem me poz nas mãos este chicote de aço, eu te castigarei, femea! — Vem, pousa-te aqui! Adormece tua iris de ágata, dança! — teu corpo barrôco em bolero e rumba. — Mais! — dança! dança! — canta, rouxinol! (Oh, tuas côxas são pantanos de cal viva, misteriosas como a carne dos batraquios...)

Tu que só és o balbucio, o voto, a supplica — ó mulher, anjo, cadaver da minha angustia! — sê minha! minha! minha! no êrmo deste momento, no momento desta sombra, na sombra desta agonia — minha — minha — minha — ó mulher, garça mansa, resto orvalhado de nuvem...

Pudesse passar o tempo e tu restares horizontalmente, fraco animal, as pernas atiradas á dôr da monstruosa gestação! Eu te fecundaria com um simples pensamento de amor, ai de mim!...

Mas ficarás com o teu destino.

O MAGICO

A Prudente de Moraes, neto

Diante do magico a multidão boquiaberta se esquece. Não ha mais lugar na Grande Praça: as ruas adjacentes se cobrem de uma negra onda humana. Em todas as casas a curiosidade do misterio abriu todas as janelas. A espantosa fachada da Cathedral se apinha de garotos acrobatas que se penduram nos relevos como anjos. E' talvez Paris do Terror porque os velhos pardieiros como que se inclinam para o espetaculo incessante e na porta das hospedarias ha velhas taboletas pendentes, mas tambem pôde ser uma vila alemã onde as campainhas das lojas tilintam alegremente ou mesmo o Rio do tempo dos Vice-Reis com os seus Capitães-Móres traficando em suas rédes e fitando duramente o artista.

O magico está sobre o antigo pelourinho ou forca ou guilhotina por onde muitas gerações passaram.

As abas da sua casaca vão ao vento — é uma negra andorinha saltitante! As brancas mãos se misturam em ondulantes movimentos de dança.

E' de tarde, hora do trabalho. Na primeira fila estão os senhores e na ultima os escravos do dever. Os senhores procuram adivinhar, os escravos procuram rir. O magico se diverte com a multidão, a multidão se diverte com o magico. Um filosofo e um dan-sarino perdidos, confundem a multidão com o magico e aguardam.

Todos se divertem á sua maneira.

* * *

Silencio, o magico fala, todos escutam! “Ahora, presentaré el famoso entretenimiento de las palomas!” A dama oriental faz uma pirueta agil e mostra ao publico a cartola milagrosa. O magico faz passes cobre a cartola com um lenço vermelho de seda. “Undos y...!” voam pombas brancas para o ceu de safira. A multidão olha para cima, as mãos aparando

o sol. O movimento persegue. Toda a praça, toda a rua, toda a cidade olha para cima, o suburbio olha para cima, os camponeses olham para cima. "O que estará para acontecer? Dizem que um tufão caminha do levante!" Acendem-se icones nas izbas da steppe russa, fazem-se procissões em Portugal. O chefe guerreiro da tribu negra vê o sinal da guerra no ceu, rugem os trocanos. O magico joga a cartola para a multidão que aplaude. O poeta apanha a cartola e recolhe nela o encantamento que se processou. As pombas invisiveis voltam, o poeta as contempla. Só elas são o Intimo da Vida.

* * *

E o tufão cai de subito vindo do levante. Os garotos escorrem pelas colunas, formigam pelas escadarias, escondem-se nos nichos. O povo se escôa como uma agua lodosa pelas portas das casas que abrem e fecham. A um gesto de guignol todas as janelas se retraem e após um minuto de rumor intenso desce uma eternidade de silencio. Uma procelária passando em busca do mar só vê da cidade as suas torres acima do grande nevoeiro. Os rios rugem, as pontes desabam, nas sargetas boiam cadaveres inocentes de crianças ciganas. O diluvio leva a musica do magico, leva

as pinturas do magico, leva as bonecas do magico, só não leva o magico na torrente.

O poeta sobe ao palanque, castiga o magico, possui a mulher do magico, apresenta ao alto a cabeça e o coração onde surgem e desaparecem pombas brancas e onde a realidade efemera floresce no misterio perpetuo.

Magico do inescrutavel o poeta aguarda o raio de Deus.

BALADA FERROZ

A Raymundo Lemos

Canta uma esperança desatinada para que se enfureçam silenciosamente os cadáveres dos afogados

Canta para que grasne sarcasticamente o corvo que tens pousado sobre a tua omoplata atletica

Canta como um louco enquanto os teus pés vão penetrando a massa sequiosa de lesmas

Canta! para esse formoso passaro azul que ainda uma vez sujaria sobre o teu extase.

Arranca do mais fundo a tua pureza e lança-a sobre o corpo felpudo das aranhas

Ri dos touros selvagens carregando nos chifres virgens nuas para o estupro nas montanhas

Pula sobre o leito crú dos sadicos, dos histericos, dos masturbados e dança!

Dansa para a lua que está escorrendo lentamente pelo ventre das menstruadas.

Lança o teu poema inocente sobre o rio venereo en-
gulindo as cidades
Sobre os casebres onde os escorpiões se matam á
visão dos amores miseraveis
Deita a tua alma sobre a podridão das latrinas e das
fossas
Por onde passou a miseria da condição dos escravos
e dos genios.

Dansa, ó desvairado! Dança pelos campos aos rinchos
dolorosos das eguas parindo
Mergulha a algidez deste lago onde os nenufares apo-
drechem e onde a agua floresce em miasmas
Fende o fundo viscoso e espreme com tua fortes mãos
a carne flacida das medusas
E com o teu sorriso inescedível surge um deus amarelo
da imunda pomada.

Amarra-te aos pés das garças e solta-as para que te
levem
E quando a decomposição dos campos de guerra te
ferir as narinas lança-te sobre a cidade mor-
tuaria
Cava a terra por entre as tumefações e si encontrares
um velho canhão soterrado, volta
E vem atirar sobre as borboletas cintilando côres e
que comem as fezes verdes das estradas

Salta como um fauno puro ou como um sapo de ouro
por entre os raios do sol frenetico
Faz rugir com o teu calão o éco dos vales e das mon-
tanhas
Mija sobre o lugar dos mendigos nas escadarias sor-
didas dos templos
E escarra sobre todos os que se proclamarem mi-
seraveis.

Canta! canta demais! Nada ha como o amor para
matar a vida
Amor que é bem o amor da inocencia primeira!
Canta! — o coração da Donzela ficará queimando eter-
namente a cinza morta
Para o horror dos monges, dos cortezãos, das prosti-
tutas e dos pederastas.

Transforma-te por um segundo num mosquito gigante
e passeia de noite sobre as grandes cidades
E espalha o terror por onde quer que pousem tuas
antenas impalpaveis
Suga aos cinicos o cinismo, aos covardes o medo, aos
avaros o ouro
E para que apodreçam como porcos injeta-os de
pureza!

E com todo esse pús, faz um poema puro
E deixa-o ir, armado cavaleiro, pela vida
E ri e canta dos que pasmados o abrigarem
E dos que por medo dele, te derem em troca a mulher
e o pão.

Canta! canta porque cantar é a missão do poeta
E dança porque dansar é o destino da pureza
Faz para os cemiterios e para os lares o teu grande
gesto obscuro
Carne morta ou carne viva — toma! Agora falo eu
que sou um!

SONETO Á LUA

Porque tens, porque tens olhos escuros
E mãos languidas, loucas, e sem fim
Quem és, que és tu, não eu, e estás em mim,
Impuro, como o bem que está nos puros?

Que paixão fez-te os lábios tão maduros
Num rosto como o teu, criança, assim ?
Quem te creou tão bôa para o ruim
E tão fatal para os meus versos duros?

Fugaz, com que direito tens-me presa
A alma, que por ti soluça núa
E não és Tatiana e nem Tereza:

E és tão pouco a mulher que anda na rua
Vagabunda, patética e indefeza
Ó minha branca e pequenina lua!

INVOCAÇÃO A MULHER UNICA

Tu, passaro — mulher de leite! Tu que carregas as
lividas glandulas do amor acima do sexo in-
finito

Tu que perpetuas o desespero humano — alma deso-
lada da noite sobre o frio das aguas — tu
Tedio escuro, mal da vida — fonte! jamais... jamais...
(que o poema receba as minhas lagrimas!...)

Dei-te um misterio: um idolo, uma catedral, uma
prece são menos reais que tres partes san-
grentas do meu coração em martirio

E hoje meu corpo nú estilhaça os espelhos e o mal
está em mim e a minha carne é aguda

E eu trago crucificadas mil mulheres cuja santidade
dependeria apenas de um gesto teu sobre o
espaço em harmonia.

Pobre eu! sinto-me tão tu mesma, meu belo cisne, mi-
nha bela, bela garça, femea

Feita de diamantes e cuja postura lembra um templo
adormecido numa velha madrugada de lua...

A minha descendencia de herois: assassinos, ladrões,
estupradores, onanistas — negações do bem:
o Antigo Testamento! — a minha ascen-
dencia

De poetas: puros, selvagens, liricos, inocentes: o Novo
Testamento! — afirmações do bem: duvida
(Duvida mais facil que a fé, mais transigente que a
esperança, mais oportuna do que a caridade
Duvida, madrastra do genio) — tudo, tudo se esborôa
ante a visão do teu ventre pubere, alma do
Pai, coração do Filho, carne do Santo-Espi-
rito, amen!

Tu, criança! cujo olhar faz crescer os brótos dos sul-
cos da terra — perpetuação do extase
Creatura, mais que nenhuma outra porque nasceste
fecundada pelos astros — mulher! — tu
que deitas o teu sangue

Quando os lobos uivam e as sereias desacordadas se
amontoam pelas praias, lançadas — mulher!
Mulher que eu amo, criança que eu amo, ser ignorado,
essencia perdida num ar de inverno...

Não me deixes morrer!... eu, homem — fruto da
terra — eu, homem — fruto do pensamento
— eu, homem — fruto da carne

Eu que carrego o peso da tara e me rejubilo, eu que
carrego os sinos do semem que se rejubilam
á carne

Eu que sou um grito perdido no primeiro vasio á pro-
cura de um Deus que é o vasio ele mesmo!...

Não me deixes partir... — as viagens renascem á
vida!... e porque eu partiria si és a vida,
si ha em ti a viagem muito pura

A viagem do amor que não volta, a que me faz so-
nhar do mais fundo da minha poesia

Com uma grande extensão de corpo e alma — uma
montanha imensa e desdobrada — por onde
eu iria caminhando

Até o amago e iria e beberia da fonte mais doce e me
enlanguesceria e dormiria eternamente como
uma mumia egípcia

No envolucro da Natureza que és tu mesma, coberto
da tua pele que é a minha propria — ó mu-
lher, especie adoravel da poesia eterna!

SONETO DE AGOSTO

Tu me levaste, eu fui... Na treva, ousados
Amamos, vagamente surpreendidos
Pelo ardor com que estávamos unidos
Nós que andávamos sempre separados.

Espantei-me, confesso-te, dos brados
Com que enchi teus patéticos ouvidos
E achei rude o calor dos teus gemidos
Eu que sempre os julgára desolados.

Só assim arrancára a linha inútil
Da tua eterna túnica inconsutil...
E para a glória do teu ser mais franco

Quizera que te vissem, como eu via
Depois, á luz da lampada macia
O pubis negro sobre o corpo branco.

A MASCARA DA NOITE

A Mario de Andrade

Sim, essa tarde conhece todos os meus pensamentos
Todos os meus segredos e todos os meus pateticos
anseios

Sob esse ceu como uma visão azul de incenso
As estrelas são perfumes passados que me chegam...

Sim! essa tarde que eu não conheço é uma mulher que
me chama

E eis que é uma cidade apenas, uma cidade dourada de
astros

Aves, folhas silenciosas, sons perdidos em cores
Nuvens como velas abertas para o tempo...

Não sei, toda essa evocação perdida, toda essa musica
perdida

E' como um pressentimento de inocencia, como um
apelo...

Mas para que buscar si a fôrma ficou no gesto esva-
necida

E si a poesia ficou dormindo nos braços de outróra?

Como saber si é tarde, si haverá manhã para o cre-
pusculo

Neste entorpecimento, neste filtro magico de lagri-
mas?...

Orvalho, orvalho! desce sobre os meus olhos, sobre
o meu sexo

Faz-me surgir diamante dentro do sol!

Lembro-me!... como si fosse a hora da memoria
Outras tardes, outras janelas, outras creaturas na
alma

O olhar abandonado de um lago e o fremito de um
vento

Seios crescendo para o poente como psalmos...

Oh, a doce tarde! sobre mares de gelo ardentes de
reverbero
Vagam placidamente navios fantasticos de prata
E em grandes castelos côr de ouro, anjos azues se-
renos
Tangem sinos de cristal que vibram na imensa trans-
parencia!

Eu sinto que essa tarde está me vendo, que essa sere-
nidade está me vendo
Que o momento da criação está me vendo nesse ins-
tan doloroso de socego em mim mesmo
Ó criação que estás me vendo, surge mulher e beija-
me os olhos
Afaga-me os cabelos, canta uma canção para eu dor-
mir!

És bem tu, mascara da noite, com tua carne rosea
Com teus longos chales campestres e com teus can-
ticos
És bem tu! ouço os teus faunos pontilhando as aguas
de sons de flautas
Em longas escalasromaticas fragrantas...

Ah, meu verso tem palpitações dulcíssimas! — primavera!

Sonhos bucolicos nunca sonhados pelo desespero
Visões de rios placidos e matas adormecidas
Sobre o panorama crucificado e monstruoso dos telhados!

Porque vens, noite? porque não adormeces o teu crepe
Porque não te esvais — espectro — nesse perfume
tenro de rosas?

Deixa que a tarde envolva eternamente a face dos
deuses

Noite, dolorosa noite, misteriosa noite!

Ó tarde, mascara da noite, tu és a presciencia
Só tu conheces e acolhes todos os meus pensamentos
O teu ceu, a tua luz, a tua calma
São a palavra da morte e do sonho em mim!

A MULHER QUE PASSA

A Pedro Nava

Meu Deus, eu quero a mulher que passa.
Seu dorso frio é um campo de lírios
Tem sete côres nos seus cabelos
Sete esperanças na boca fresca!

Oh! como és linda, mulher que passas
Que me sacias e suplicias
Dentro das noites, dentro dos dias!

Teus sentimentos são poesia
Teus sofrimentos, melancolia.
Teus pelos leves são relva bôa
Fresca e macia.
Teus belos braços são cisnes mansos
Longe das vozes da ventania.

Meu Deus, eu quero a mulher que passa!

Como te adoro, mulher que passas
Que vens e passas, que me sacias
Dentro das noites, dentro dos dias!
Porque me faltas, si te procuro?
Porque me odeias quando te juro
Que te perdia si me encontravas
E me encontrava si te perdias?
Porque não voltas, mulher que passas?
Porque não enches a minha vida?
Porque não voltas, mulher querida
Sempre perdida, nunca encontrada?
Porque não voltas á minha vida
Para o que soffro não ser desgraça?

Meu Deus, eu quero a mulher que passa!
Eu quero-a agora, sem mais demora
A minha amada mulher que passa!

No santo nome do teu martirio
Do teu martirio que nunca cessa
Meu Deus, eu quero, quero depressa
A minha amada mulher que passa!

Que fica e passa, que pacífica
Que é tanto pura como devassa
Que boia leve como a cortiça
E tem raízes como a fumaça.

VIDA E POESIA

A Anthero Wanderley

A lua projetava o seu perfil azul
Sobre os velhos arabescos das flores calmas
A pequena varanda era como o ninho futuro
E as ramadas escorriam gotas que não havia.
Na rua ignorada anjos brincavam de roda...
— Ninguém sabia, mas nós estávamos ali.
Só os perfumes teciam a renda da tristeza
Porque as corolas eram alegres como frutos
E uma inocente pintura brotava do desenho das côres.
Eu me puz a sonhar o poema da hora.
E, talvez por olhar meu rosto exasperado
Pela ansia de te ver tão vagamente amiga
Talvez ao pressentir na carne misteriosa
A germinação estranha do meu indizível apelo
Ouvi bruscamente a claridade do teu riso
Num gorgueio de gorgulhos de água enluarada.

E ele era tão belo, tão mais belo do que a noite
Tão mais doce que o mel dourado dos teus olhos
Que ao vel-o trilar sobre os teus dentes como um
 cimbalo

E se escorrer sobre os teus lábios como um suco
E marulhar entre os teus seios como uma onda
Eu chorei docemente na concha de minhas mãos
 vasias

De que tivesses me possuído antes do amor.

SONETO SIMPLES

Chegára enfim o mesmo que partira; a porta aberta e o coração voando ao encontro dos olhos e das mãos. Velhos passaros, velhas criaturas, almas cinzentas placidas passando — sómente a amiga é como o melro branco!

E enfim partira o mesmo que chegára; o horizonte transpondo o pensamento e nas auroras placidas passando o doce perfil da amiga adormecida. Desejo de morrer de nostalgia na noite dos vales tristes e perdidos... (foi quando desceu do ceu a poesia como um grito de luz nos meus ouvidos...)

SONATA DO AMOR PERDIDO

LAMENTO N.º 1

Onde estão os teus olhos — onde estão? Ó milagre
de amor que escorres dos meus olhos!

Na agua iluminada dos rios da lua eu os vi descendo
e passando e fugindo

Iam como as estrelas da manhã. Vem, eu quero os
teus olhos, meu amor!

A vida... sombras que vão e sombras que vem vindo
O tempo... sombras de perto e sombras na distan-
cia — vem o tempo quer a vida!

Onde ocultar minha dôr si os teus olhos estão dor-
mindo?...

Onde está tua face? Eu a senti pousada sobre a
aurora
Teu brando cortinado ao vento leve era como aza fre-
mindo
Teu sopro tenue era como um pedido de silencio —
oh, a tua face iluminada!
Em mim, mãos se amargurando, olhos no ceu olhan-
do, ouvidos no ar ouvindo
Na minha face o orvalho da madrugada atroz, na
minha boca o orvalho do teu nome!...
Vem... os velhos lirios estão fanando, os lirios novos
estão florindo...

INTERMEDIO

Sob o céu de Maio as flores têm sede da luz das es-
trelas
Os roseos gineceus se abrem na sombra para a fe-
cundação maravilhosa...
Lua, ó branca Sapho, estanca o perfume dos corpos
desfolhados na alvorada
Para que surja a ausente e sinta a musica escorren-
do do ar!
Vento, ó branco eunuco, traz o porem sagrado do
amor das virgens
Para que acorde a adormecida e ouça a minha voz...

LAMENTO N.º 2

Teu corpo sobre a humida relva de esmeralda, junto
 às acacias amarelas.
Estavas triste e ausente — mas dos teus seios ia o
 sol se levantando
Oh, os teus seios desabrochados e palpitantes como
 passaros amorosos
E a tua garganta agoniada e teu olhar nas lagrimas
 boiando!...
Oh, a pureza que se abraçou ás tuas formas como
 um anjo
E sobre os teus labios e sobre os teus olhos está
 cantando!

Tu não virás jamais! Teus braços como azas frageis
 roçaram o espaço socegado
Na poeira de ouro teus dedos se agitam, fremindo,
 correndo, dansando
Vais... teus cabelos desvencilhados rolam em onda
 sobre a tua nudez perfeita
E toda te encendeias no facho da alma que está
 queimando...
Oh, beijemos a terra e sigamos a estrela que vai do
 fogo nascer no ceu parado
E' a Musica, é a Musica que vibra e está chamando!

A BRUSCA POESIA DA MULHER AMADA

A Murillo Mendes

Longe dos pescadores os rios infindáveis vão morrendo
de sede lentamente. . .

Eles foram vistos caminhando de noite para o amor
— oh, a mulher amada é como a fonte!

A mulher amada é como o pensamento do filósofo sofrendo

A mulher amada é como o lago dormindo no céu perdido

Mas quem é essa misteriosa que é como um cirio crepitando no peito

Essa que tem olhos, lábios e dedos dentro da forma inexistente?

Pelo trigo a nascer nas campinas de sol a terra amo-
rosa elevou a face palida dos lirios
E os lavradores foram se mudando em principes de
mãos finas e rostos transfigurados...

Oh, a mulher amada é como a onda sosinha correndo
distante das praias
Pousada no fundo estará a estrela e mais além.

O SONETO DE KATHERINE MANSFIELD

A Augusto Frederico Schmidt

O teu perfume, amada! — em tuas cartas
Renasce, azul... — são tuas mãos sentidas!
Relembro-as brancas, leves; fenecidas
Pendendo ao longo de corolas fartas.

Relembro-as, vou... — nas terras percorridas
Torno a aspira-lo, aqui e ali desperto
Paro — e tão perto sinto-te, tão perto
Como si numa foram duas vidas.

Pranto, tão pouca dôr! tanto quizera
Tanto rever-te, tanto!... e a primavera
Vem já tão proxima!... (Nunca te apartas

Primavera, dos sonhos e das preces!...)
E no perfume preso em tuas cartas
Á primavera surges e esvaneces.

O CEMITERIO NA MADRUGADA

A Edmundo da Luz Pinto

Às cinco da manhã a angustia se veste de branco
E fica como louca, sentada, espiando o mar...
É a hora em que se acende o fogo-fatuo da madru-
gada

Sobre os marmores frios, frios e frios do cemiterio
E em que, embaladas pela harpa cariciosa das pes-
carias

Dormem todas as crianças do mundo.

Às cinco da manhã a angustia se veste de branco
Tudo repousa... e sem treva, morrem as ultimas
sombras...

E' a hora em que, libertados do horror da noite es-
cura

Acordam os grandes anjos da guarda dos jazigos
E os mais serenos cristos se desenlaçam dos ma-
deiros

Para lavar o rosto palido na nevoa.

Às cinco da manhã... — tão tarde soube! — não fôra
ainda uma visão

Não fôra ainda o medo da morte em minha carne!...
Viera de longe... de um corpo livido de amante
Do misterio funebre de um extase esquecido
Tinha-me perdido na cerração, tinha-me talvez per-
dido

Na escuta de azas invisiveis em torno.

Mas, ah, ela veio até mim, a palida cidade dos
poemas

Eu a vi, assim gelada e hirta, na neblina!
Oh, não eras tu, mulher sonambula, tu que eu deixei
Banhada do orvalho esteril da minha agonia
Teus seios eram tumulos tambem, teu ventre era
uma urna fria

Mas não havia paz em ti!

Lá tudo é sereno... Lá toda a tristeza se cobre de
linho

Lá tudo é manso, manso como um corpo morto de mãe
prematura

Lá brincam os serafins e as flores, bimbam os
sinos

Em melodias tão alvas que nem se ouvem..
Lá gozam miriades de vermes, que ás brisas ma-
tutinas
Vôam em povos de borboletas multicores...

Escuto-me falar sem receio; esqueço o amanhã di-
tante

O vento traz perfumes inconfessaveis dos pinheiros..
Um dia morrerão todos, morrerão as amadas
E eu ficarei sosinho, para a hora dos canticos exan-
gues

Hei de colar meu ouvido impaciente ás tumbas amigas
E ouvir meu coração batendo.

Tu trazes alegria á vida, ó Morte, deusa humilima!
A cada gesto meu riscas uma sombra errante na terra
Sobre o teu corpo em tunica, vi a farandola das rosas
e dos lirios

E a procissão solene das virgens e das madalenas
Em tuas maminhas puberes vi mamarem ratos
brancos

Que brotavam como flôres dos cadaveres contentes.

Que pudor te toma agora, poeta, lirico ardente
Que desespero em ti diz da irrerealidade das manhãs?
A Morte vive em teu ser... — não, não é uma visão
da bruma

Não é o despertar angustiado após o martirio do amor
E' a Poesia... — e tu, homem simples, és um fantas-
tico arquiteto

Ergues a beleza da morte em ti!

Ó cemiterio da madrugada, porque és tão alegre
Porque não gemem ciprestes nos teus tumulos?
Porque te perfumas tanto em teus jasmims
E tão docemente cantas em teus passaros?
És tu que me chamas, ou sou eu que vou a ti
Criança, brincar tambem pelos teus parques?

Por ti, fui triste; hoje, sou alegre por ti, ó morte
amiga

Do teu espectro familiar vi se erguer a unica estrela
do ceu

Meu silencio é o teu silencio— ele não traz angustia
E' assim como a ave perdida no meio do mar...

.....

Serenidade, leva-me! guarda-me no seio de uma ma-
drugada eterna!

PRINCIPIO

A Rosita e Thiers Martins Morcira

Na praia sangrenta a gelatina verde das algas — horizontes!

Os olhos do afogado á tona e o sexo no fundo (a contemplação na desagregação da forma...)

O mar.. A musica que sobe ao espirito, a poesia do mar, a cantata soturna dos tres movimentos

O mar! (Não a superficie calma mas o abismo povoado de peixes fantasticos e sabios...)

E' o navio grego, é o navio grego desaparecido nas flóras submarinas — Deus balança por um fio invisivel a ossada do timoneiro sob a grande mastro

São as medusas, são as medusas dansando a dança
erótica dos mucos vermelhos se abrindo ao
beijo das águas

É a carne que o amor não mais ilumina, é o rito que
o fervor não mais acende

E' o amor um molusco gigantesco vagando pela reve-
lação das luzes articas.

O que se encontrará no abismo mesmo de sabedoria
e de compreensão infinita

Ó pobre narciso nú que te deixaste ficar sobre a cer-
teza de tua plenitude?

Nos peixes que da propria substancia acendem o es-
pesso liquido que estão atravessando

Terás conhecido a verdadeira luz da miseria humana
que quer sè ultrapassar.

E' preciso morrer, a face repousada contra a agua
como um grande nenubar partido

Na espera da decomposição que virá para os olhos
cegos de tanta serenidade

Na visão do amor que te extenderá as suas antenas
altas e fosforescentes

Todo o teu corpo ha de deliquescer e mergulhar como
um destroço ao apelo do fundo.

Será a viagem e a destinação. Ha correntes que te
levarão insensivelmente e sem dôr para ca-
vernas de coral

Lá conheceras os segredos da vida misteriosa dos
peixes eternos

Verás cresceram olhos ardentes do volume glauco que
te incendiarão de pureza

E assistirás seres distantes que se fecundam á sim-
ples emoção do amor.

Encontrar, eis o destino. Aves brancas que desceis
aos lagos e fugís! Oh, a covardia das vossas
azas!

E' preciso ir e se perder no elemento de onde surge
a vida.

Mais vale a arvore da fonte que a arvore do rio plan-
tada segundo a corrente e que dá os seus
frutos ao seu tempo...

Deixai morrer o desespero nas sombras da ideia de
que o amor póde não vir.

Na praia sangrenta a velha embarcação negra e
desfeita — o mar a lançou talvez na tem-
pestade!

Eu — e casebres de pescadores eternamente ausentes...

O mar! o vento tangendo as aguas e cantando, cantando, cantando

Na praia sangrenta entre brancas espumas e horizontes...

SONETO DE CONTRIÇÃO

Eu te amo, Maria, te amo tanto
Que o meu peito me doi como em doença
E quanto mais me seja a dôr intensa
Mais cresce na minha alma teu encanto.

Como a criança que vagueia o canto
Ante o misterio da amplidão suspensa,
Meu coração é um vago de acalanto
Berçando versos de saudade imensa.

Não é maior o coração que a alma
Nem melhor a presença que a saudade
Só te amar é divino, e sentir calma...

E é uma calma tão feita de humildade
Que tão mais te soubesse pertencida
Menos seria eterno em tua vida.

IDADE MEDIA

Faz com que tua boca seja para mim agua e não
vinho

E faz com que para mim teus seios sejam peras e
não cidras...

Algum dia no teu ventre que eu vejo se estender
como uma branca terra fecunda em lirios

Deixarei a semente de gigantes arianos que atravessa-
rão silenciosamente o Volga

E que as cabeleiras de seda voando, as lanças de ouro
voando, cavalgarão doidamente contra a
lua...

SOLILOQUIO

A Octavio de Faria

Talvez que os imensos limites da patria me lembrem
os puros

E amargue em meu coração a descrença.

Sinto-me tão cansado de sofrer, tão cansado! — al-
gum dia em alguma parte

Hei de lançar tambem as ancoras ardentes das pro-
messas

Mas no meu coração intranquilo não ha sinão fome
e sêde

De lembranças inexistentes.

O que resta da grande paisagem de pensamentos vi-
vidos

Diz, minha alma, sinão o vasio?

São verdades as lagrimas, os estremecimentos, os
tedios longos

As caminhadas infinitas no ôco da eterna voz que te
obriga?
E no entanto o que crê em ti não tem o teu amor
aprisionado
Escravo de fruições efemeras...

Ah, será para sempre assim... o beijo pouco do tempo
Na face presa de eternidade
E em todos os momentos a sensação pobre de estar
vivendo
E ter em si somente o que não pôde ser vivido
E em todos os momentos a beleza, e apenas
Num só momento a prece...

Nunca me sorrirão vozes infantis no corpo, e quem
sabe por te-las
Muito ardentemente desejado.
Talvez os limites da patria me lembrem os puros e
enlouqueça
Em mim o que não foi da carne conquistado.
Muitas vezes hei de me dizer que não sou sinão ju-
ventude
No seio do pantano triste.

Quero-te porem, vida, súplica! o medo de mim mesmo
Não ha na minha saudade.

É que dóe não viver em amor e em renuncia
Quando o amor e a renuncia são terras dentro de
mim

E uma vez mais me deitarei no frio, guia de luz per-
dido

Sem misterios e sem sombra.

Bem viram os que temeram a minha angustia e as
que se disseram

— Ele perdeu-se no mar!

No mar estou perdido, sem ceu e sem terra e sem
sêde de agua

E nada sinão minha carne resiste aos apelos do
termo..

O que restará de ti, homem triste, que não seja a
tua tristeza

Fruto sobre a terra morta?

Não pensar, talvez... Caminhar ciliciando a carne
Sobre o corpo macerado da vida

Ser um milhão na mesma cidade deshabitada

E sendo apenas um, ir acordando o amor e a an-
gustia

E da inquietação vinda e multiplicada, arrancar um
riso sem força
Sobre as paisagens inúteis.

Mas, oh, saber... — saber até o fundo do conheci-
mento
Sobre as aves e os lírios!
Saber a pureza bailando no pensamento como um
genio perfeito
E na alma os cantos lípidos e os vôos de uma poesia!
E nada poder, nada, não ir e vir como a sombra do
condenado
Pelo silencio em escuta...

E não sou um covarde... — sofro pelas manhãs e pelas
tardes
E pelas noite desvanço
No entanto, é covarde que me sinto no olhar dos que
me amam
E no prazer que arranco cem vezes da carne ou do es-
pirito que quero
Ai de mim, tão grande, tão pequeno... — e quando o
digo intimamente!
E em ambos sem panico...

E me pergunto: Serei vasio de amor como os ciprestes
No seio da ventania?
Serei vasio de serenidade como as aguas no seio do
abismo
Ou como as parasitas no seio da mata serei vasio de
humildade?
Ou serei o amor eu mesmo e a calma e a humildade
eu mesmo
No seio do infinito vasio?

E me pergunto: O que é o perigo, onde a sua fascina-
ção profunda
E o gosto ardente de morrer?
Não é a morte o meu voto murmurante
Que caminha comigo pelas estradas e adormece no
meu leito?
O que é morrer sinão viver placidamente
Na espera incessante?

Nada réspondo — nada responde o desespero
Solidão sem desvario.
Mas, ah! resta a ansia das palavras murmuradas ao
vento
E a emoção das visões vividas no seu melhor momento
Resta a posse longiqua e em eterna lembrança
Da imagem unica.

— Resta?... Já me disse blasfemias no amago do
prazer sentido
Sobre o corpo nú da mulher
Já arranquei de mim mesmo o sumo da sabedoria
Para faze-lo vibrar dolorosamente á minha vontade
E no entanto... posso me glorificar de ter sido forte
Contra o que sempre foi?

Hão de ir todos, todos, para as celebrações e para os
ritos..
Ficarei em casa, sem lar.
Hei de ouvir as vozes dos amantes que não se enten-
diam
E dos amigos que não se amam e não lutam.
As portas abertas, á espera dos passos do retardatario
Não receberei ninguém.

Talvez nos imensos limites da patria estejam os puros
E apenas em mim o ilimitado..
Mas, oh, cerrar os olhos, dormir, dormir longe de
tudo
Longe mesmo do amor longe de mim!
E enquanto se vão todos, heroicos, santos, sem men-
tira ou sem verdade
Ficar, sem perseverança...

SONETO DE CARTA E MENSAGEM

“Sim, depois de tanto tempo volto a ti
Sinto-me exausta e sou mulher e te amo
Dentro de mim ha frutos, ha aves, ha tempestades
E apenas em ti ha espaço para as consolações.

“Sim, meus seios vãos me mortificam — e nas
noites
Eles têm ansias de semente que sente germinar seu
brôto
Ah, meu amado! é sobre ti que eu me debruço
E é como si me debruçasse sobre o infinito!

“Pésame, no entanto, o medo que me tenhas esque-
cido
Ai de mim! que farei sem o meu homem, sem o meu
esposo
Que rios não me levarão de esterilidade e de tristeza?

“Mulher, para onde caminharei si não para a sombra
Si, tu, ó meu companheiro, não me fecundares
E não esparzires do meu grão a terra pálida dos li-
rios?...”

A VIDA VIVIDA

A Rodrigo M. F. de Andrade

Quem sou eu sinão um grande sonho obscuro em face
do Sonho

Sinão uma grande angustia obscura em face da An-
gustia

Quem sou eu sinão a imponderavel arvore dentro da
noite imovel

E cujas presas remontam ao mais triste fundo da
terra?...

De que venho sinão da eterna caminhada de uma
sombra

Que se destróe á presença das fortes claridades
Mas em cujo rastro indelevel repousa a face do mis-
terio

E cuja forma é a prodigiosa treva informe?

Que destino é o meu sinão o de assistir ao meu Des-
tino

Rio que sou em busca do mar que me apavora
Alma que sou clamado o desfalecimento
Carne que sou no amago inutil da prece?

O que é a mulher em mim sinão o Tumulo
O branco marco da minha róta peregrina
Aquela em cujos braços vou caminhando para a morte
Mas em cujos braços somente tenho vida?

O que é o meu Amôr, ai de mim! sinão a luz impas-
sível

Sinão a estrela parada num oceano de melancolia
O que me diz ele sinão que é vã toda a palavra
Que não repousa no seio tragico do abismo?

O que é o meu Amor? sinão o meu desejo iluminado
O meu infinito desejo de ser o que sou acima de mim
mesmo

O meu eterno partir na minha vontade enorme de
ficar

Peregrino, peregrino de um instante, peregrino de
todos os instantes?

A quem respondo sinão a écos, a soluços, a lamentos
De vozes que morrem no amago do meu prazer ou do
meu tédio

A quem falo sinão a multidões de simbolos errantes
Cuja tragedia efemera nenhum espirito imagina?

Qual é meu ideal sinão fazer do ceu poderoso a Lingua
Da nuvem a Palavra imortal cheia de segredo
E do fundo delirantemente proclama-los
Em Poesia que se derrame como sol ou como chuva?

O que é o meu ideal sinão o Supremo Impossivel
Aquele que é, só Ele, o meu cuidado e o meu anhelos
O que é Ele em mim sinão o meu desejo de encontra-
lo
E O encontrando, o meu medo de não O reconhecer?

O que sou eu sinão Ele, o Deus em sofrimento
O tremor imperceptivel na voz portentosa do vento
O bater invisivel de um coração no descampado...
O que sou eu sinão Eu Mesmo em face de mim?

LAMENTO OUVIDO NÃO SEI ONDE

A Carlos Drummond de Andrade

Minha mãe, toma cuidado
Não zanga assim com meu pai
Um dia ele vai-se embora
E não volta nunca mais.

O mau filho á casa torna
Mãe... nem carece tornar
Mas pai que larga a familia
Pra que desgraça não vai!

TERNURA

Eu te peço perdão por te amar de repente
Embora o meu amor seja uma velha canção nos teus
ouvidos.

Das horas que passei á sombra dos teus gestos
Bebendo em tua boca o perfume das palavras e dos
sorrisos

Das noites que vivi acalentado
Pela graça indizível dos teus passos eternamente fu-
gindo

Trago a doçura dos que aceitam melancolicamente
E posso te dizer, meiga, que o grande afeto que te
deixo

Não traz o exaspero das lagrimas nem a fascinação
das promessas

Nem as misteriosas palavras dós veus da alma...

... que é um socego, uma unção, um transbordamento
de caricias

e só te pede que te repouses quieta, muito quieta
e deixes que as mãos cálidas da noite encontrem sem
fatalidade o olhar extático da aurora.

SONETO DE DEVOÇÃO

A Carlos Linhares

Essa mulher que se arremessa, fria
E lubrica aos meus braços, e nos seios
Me arrebatava e me beija e balbucia
Versos, votos de amor e nomes feios

Essa mulher, flor de melancolia
Que se ri dos meus palidos receios
A unica entre todas a quem dei
Os carinhos que nunca a outra daria

Essa mulher que a cada amor proclama
A miseria e a grandeza de quem ama
E guarda a marca dos meus dentes nela

Essa mulher é um mundo! — uma cadela
Talvez... — mas na moldura de uma cama
Nunca mulher nenhuma foi tão bela!

BALADA PARA MARIA

A Annibal Machado

Não sei o que me angustia
Tardíamente; em meu peito
Vive dormindo perfeito
O sono desta agonia...
Saudades tuas, Maria?
Na voluptia de uma flóra
Humida, pecaminosa
Nasceu a primeira rosa
Fria...

Perdi o prazer da hora.

Mas si num momento cresce
O sangue, e me engrossa a veia
Maria, que coisa feia!
Todo o meu corpo estremece.

E dos colmos altos, ricos
Em resinas odorantes
Pressinto o coito dos micos
E o amor das cobras possantes.

No mundo ha tantos amantes!..

Maria...

Cantar-te-ei brasileiro:

Maria, sou teu escravo!

A rosa é a mulher do cravo...

Dá-me o beijo derradeiro?

— Cobrir-te-ei da pomada

Do polem das flores puras

E te fecundarei deitada

Num chão de frutas maduras

Maria... e morangos, quantos!

E tu que adoras morango!

Dormirás sobre agapantos...

— Fingirei de orangotango!...

Não queres mesmo, Maria?..

No lombo morno dos gatos
Aprendi muita carícia...
Para fazer-te a delícia
Só terei gestos exatos.

E não bastasse, Maria...

E morro nessas montanhas
Entre as imagens castanhas
Da tua melancolia...

TRES RETRATOS

I

JOYA

Joya, alegria da vida!
Joya entra, Joya brinca
Paróla no telefone.
Joya, esses teus olhos são
Dois lagos de perfeição.

Joya dizendo nome feio
Joya falando inteligente
Joya fria? Joya quente?
(Inferiority complex).
Joya, alegria da vida!

Joya beija inefavelmente.

II

MAJA RAQUEL

Pero, não és de Argentina
Muñeca de Barcelona?
Quem te deu pernas tão lindas
Peregrina, marafona?
Que Goya te fez, divina
Tan cruda e calina, dona?

Nostalgias, de escuchar tu risa loca...

III

MILADY

Tu étais si folle, chère, que nous avons joué la physique expérimentale, l'algèbre supérieure et la géométrie analytique, et tu avais trois amours d'enfants et moi force d'une angine de gorge qui me tuait.

Ta Hudson portait d'affreuses traces de nos amours.

POEMA PARA TODAS AS MULHERES

A Fernando Formiga

No teu branco seio eu choro.
Minhas lagrimas descem pelo teu ventre
E se embebedam do perfume do teu sexo.
Mulher, que maquina és, que só me tens desesperado
Confuso, criança para te conter!
Oh, não feches os teus braços sobre a minha tristeza
 não!
Ah, não abandones a tua boca á minha inocencia não!
Homem sou belo
Macho sou forte, poeta sou altissimo
E só a pureza me ama e ela é em mim uma cidade e
 tem mil e uma portas.
Ai! teus cabelos rescendem á flôr da murta
Melhor seria morrer ou ver-te morta
E nunca, nunca poder te tocar!
Mas, fauno, sinto o vento do mar roçar-me os braços

Anjo, sinto o calor do vento nas espumas
Passarinho, sinto o ninho nos teus pêlos...
Correi, correi, ó lágrimas saudosas
Afogai-me, tirai-me deste tempo
Levai-me para o campo das estrelas
Entregai-me depressa á lua cheia
Dai-me o poder vagaroso do soneto, dai-me a ilumina-
ção das ódes, dai-me o cantico dos canticos
Que eu não posso mais, ai
Que esta mulher me devora!
Que eu quero fugir, quero a minha mãesinha, quero o
colo de Nossa Senhora!

SONETO DE INSPIRAÇÃO

Não te amo como uma criança, nem
Como um homem e nem como um mendigo
Amo-te como se ama todo o bem
Que o grande mal da vida traz consigo.

Não é nem **pela** calma que me vem
De amar, nem **pela** gloria do perigo
Que me vem de te amar, que te amo; digo
Antes que por te amar não sou ninguém.

Amo-te pelo que és, pequena e **doce**
Pela infinita inercia que me trouxe
A culpa de te amar — soubesse eu vêr

Atravez tua carne defendida
Que sou triste demais para esta vida
E que és pura demais para sofrer

O FALSO MENDIGO

A Alcyon Baer Bahia

Minha mãe, manda comprar um kilo de papel almasso
na venda

Quero fazer uma poesia.

Diz a Amelia para preparar um refresco bem gelado
E me trazer muito devagarinho.

Não corram, não falem, fechem todas as portas á
chave !

Quero fazer uma poesia.

Si me telefonarem, só estou para Maria .

Si fôr o Ministro, só recebo amanhã .

Si fôr um trote, me chama depressa .

Tenho um tédio enorme da vida .

Diz á Amelia para procurar a Patética no radio

Si houver algum grande desastre vem logo contar . . .

Si o aneurisma de dona Angela arrebentar, me avisa .

Tenho um tédio enorme da vida .

Liga para vovó Nenem, pede a ela uma ideia bem ino-
cente

Quero fazer uma grande poesia .

Quando meu pai chegar, tragam-me logo os jornais da
tarde

Si eu dormir, pelo amor de Deus me acordem !

Não quero perder nada da vida.

Fizeram bicos de rouxinol para o meu jantar?

Puzeram no lugar meu cachimbo e meus poetas?

Tenho um tédio enorme da vida.

Minha mãe, estou com vontade de chorar

Estou com taquicardia, me dá um remedio . . .

Não, antes me deixa morrer, quero morrer, a vida

Já não me diz mais nada.

Tenho horror da vida, quero fazer a maior poesia do
mundo !

Quero morrer imediatamente.

Fala com o Presidente para fecharem todos os cinc-
mas !

~~Não aguento mais ser Censôr~~

Ah, pensa uma coisa, minha mãe, para distrair teu
filho

Teu falso, teu miseravel, teu sordido filho

Que estala em força, sacrificio, violencia, devotamento,

Que podia britar pedra alegremente ,

Ser negociante cantando

Fazer advocacia com o sorriso exato ,

Si com isso não perdesse o que por fatalidade de amor

Sabe ser o melhor, o mais doce e o mais eterno da tua
purissima caricia.

INDICE

Aria para Assovio	11
Amor nos Tres Pavimentos	13
Soneto de Intimidade	15
Viagem á Sombra	17
O Magico	21
Balada Feroz	25
Soneto á Lua	29
Invocação á Mulher Unica	31
Soneto de Agosto	35
A Mascara da Noite	37
A Mulher que Passa	41
Vida e Poesia	45
Soneto Simples	47
Sonata do Amor Perdido	49
A Brusca Poesia da Mulher Amada	53
O Soneto de Katherine Mansfield	55
O Cemiterio na Madrugada	57
Principio	61
Soneto de Contrição	65
Idade Media	67
Soliloquio	69
Soneto de Carta e Mensagem	75

A Vida Vivida	77
Lamento Ouvido não sei Onde	81
Ternura	83
Soneto de Devoção	85
Balada para Maria	87
Tres Retratos	91
Poema para Todas as Mulheres	95
Soneto de Inspiração	97
O Falso Mendigo	99

*Este livro foi Impresso
nas
Oficinas Gráficas
da
Empresa Almanak Laemmert, Limitada,
à
Rua Carlos de Carvalho, 48,
Rio de Janeiro,
Brasil,
em
Agosto de 1938*

